

Editor)
F. E. SALGUEIRO

ASSINATURAS

Ano..... 65 cent.
Semestre..... 32
Trimestre..... 18

(PAGAMENTO ADIANTADO)

AVULSO, 1 CENTAVO

O Viroscas

(Ridendo castigat mores)

SEMANARIO IMPARCIAL COM PRETENCÕES A HUMORISTICO

Proprietario, director e administrador: — ARNALDO JULIO MARTINS

Redacção e administração: — Rua da Avenida, n.º 6 — Composição e impressão: Tipografia Caldense de José da Silva Dias — CALDAS DA RAINHA

PUBLICAÇÕES

Anunciam-se todas as publicações de que se receba um exemplar

Accepta-se toda a colaboração, desde que não fira a nota politica nem ofenda susceptibilidades não se devolvendo porém os originaes ainda que não sejam publicados

O CULTO DO IDEAL

E' vulgar falarmos da defêsa do nosso ideal. Mas cada um tendo o seu, não comprehende o que seja o do proximo!

Isto que á primeira vista muitos serão capazes de julgar ser uma pura invenção, é infelizmente uma verdade que a todo o transe deverá ser benida da sociedade em geral.

Na politica é vulgarissimo encontrarmos a falta de comprehensão no ardente desejo que deve existir no culto do ideal. Mal vai o partido politico, que de dentro do seu gremio não possua defensores corajosos do seu credo.

Quando um partido politico apenas se compõe de elementos sem os requisitos necessarios para defenderem o seu ideal, quando este é apenas um pretexto para as suas ambições pessoais, breve esse partido cairá na ruína, no seu desaparecimento total.

E o que dizemos na politica, poderemos aplicar em todas as manifestações da humanidade. O ardente amor da Patria não será um ideal que todos os povos têm obrigação de alimentar no seu intimo? Decerto ninguem o poderá negar! Pois, infelizmente, ainda ha quem se ria dele! ou quando não se ria, faz coisas, pratica actos, que vão contra o altar da Patria!

Nas artes, um escultor, um pintor, um musico, possuem todos o culto dum ideal, e infeliz será o artista, quando o não sinta, a dentro da sua alma vibratil.

Mas o ideal artistico, subdivide-se em fâzes diversas. Um escultor pode ter o seu ideal personificado no estudo do nú, nas crianças, heroes guerreiros, nos lendarios; um pintor, pode enveredar a sua arte na figura, na paisagem, nas marinhas, nas flôres, nos animais; o musico, nos trabalhos sinfonicos, na musica de camara, em obras profanas e religiosas, não só para instrumentos como para massas corais, etc.

O que é necessario é que todos comprehendam bem o culto do ideal que professam.

Não podemos comprehender que um politico sensure outro que possue outro crêdo, um artista que critique desfavoravelmente um colega por este se dedicar a outro genero de trabalho.

O culto do ideal é uma das manifestações mais nitidas da razão no homem,

essa sublime faculdade que o eleva, que o transforma numa poderosa alavanca do progresso.

Atravez da historia, passamos em revista as civilisações desde as classicas até ás contemporaneas, o culto do ideal foi sempre a origem de todos os grandes feitos, sendo atravez do ideal que nasceram os grandes vultos e a historia portuguesa é um autentico exemplo do que desejamos demonstrar.

Que seria a vida do homem sem o culto do ideal?

Todos que nos lerem que pensem bem nesta pergunta, e verão como o culto do ideal é uma necessidade para a vida, um alimento espiritual da maior importancia na existencia psiquica do individuo.

Mas aquella firmesa, na defesa do ideal não se pode conseguir se desde criança o homem ou a mulher, não tór instruida, como pede a razão e o bom senso.

Desde que a educação tenha por base o indiferentismo por tudo, a sociedade, com filhos assim, será uma força paralitica, um trambolho na evolução social do mundo.

O culto do ideal que á primeira vista parece uma frivolidade, um passatempo apenas, possui uma alta importancia para a qual todos devemos pensar, com o maximo cuidado, se quizermos ser grandes e respeitados.

P'ra consumidor ver...

Continuam a vender-se os ovos por preços superiores aos da tabela publicada no «Diario do Governo».

E' um abuso inqualificavel da parte dos vendedores, pois não se comprehende que estando prohibida (?) a exportação, estejam os ovos agora mais caros do que estavam antes d'essa prohibição.

Porém, não é contra estes que nos queixamos, mas sim contra as autoridades que tem obrigação de fiscalisar as vendas e obrigar os vendedores a sujeitar-se aos preços estabelecidos e que até hoje nada fizeram para obstar a este estado de coisas.

Tambem diga-se em abono da verdade: — O que pode fazer uma autoridade que numa terra como esta, só tem ao seu serviço dois guardas.

Certamente que dois policias são insufficientes para o serviço duma população como é a das Caldas!

Apesar disso estamos certos, que o sr. administrador do concelho empregará os seus esforços afim de pôr cobro a estes abusos, conseguindo que os ovos e demais generos sejam vendidos aos preços das tabelas

Ficamos esperando.

Na festa da Bandeira

Quem me dera a voz fagueira
Das frescas auras de Abril
Para cantar a bandeira
Da minha pátria gentil.

Quizera tecer-lhe um hino
Do mais subido valor,
Que fosse um canto divino
De entusiasmo, de amor.

Essa bandeira adorada,
Esse formoso pendão,
Cuja côr tenho gravada
Dentro do meu coração.

Quizera pô-la visinha
Das estrelas, triunfal!
Bandeira da patria minha!
Bandeira de Portugal!

Porque este pendão sublime
Que é da patria o resplendor,
Todos os lances exprime
Da nossa força e valor.

Distante da patria nossa,
Quer na terra quer no mar,
Nossa alma mais se alvoroça
Quando a vemos tremular.

Que só bondades traduz,
Quem aos bravos dá coragem,
Quem á vitoria os conduz,

E, quando finda a batalha,
Já não ribomba o canhão,
E' ela, ainda, a mortalka
Dos heroes que em terra estão.

Por isso, ao vê-la altaneira,
Quem não brada em alta voz:
— Viva da patria a bandeira,
Viva a mãe de todos nós!

Maximiano Rica.

Qual dos dois?

Houve um ilustre colega nosso, que nos chamou *egoista* quando annunciou o nosso aparecimento.

Ficámos a scismar, qual a razão porque nos era dado esse titulo, mas, emfim, estava no pleno direito de fazer a sua apreciação conforme melhor entendesse.

Sucede, mais, que tendo-lhe nós enviado sempre o nosso jornal, não tivemos ainda o praser da sua visita, a exemplo do que tem sucedido com os demais colegas.

Isto tambem nada tem de extraordinario, porque, está igualmente no seu direito de querer permutar ou não.

No entanto visto que perguntar não ofende, vamos fazer uma simples pergunta:

— Em vista do que acabamos de expôr, qual dos dois será mais *egoista*? Nós ou elle?

Fazem fortuna

Desta vez é que as lavadeiras enriquecem. Desde que saiu o decreto da mobilisação tem sido um sujar de ceroulas por esse país fóra, que é uma coisa por demais.

São os *airozes* a mostrar a sua bravura... intestinal.

DE RASPÃO

O amante das Dalias

Venho hoje contar uma historia verdadeira, não vulgar e por isso bastante curiosa para nos demonstrar até que ponto chega a força da imaginação!

Foi meu companheiro um rapaz, nos bancos das aulas durante alguns anos, depois separamo-nos, ele foi para Africa e eu fiquei por cá neste vale de lagrimas a aturar uns e outros com aquélla paciencia que nos ensina o Evangelho. O meu condiscipulo... não digo o nome, o leitor queria-o saber, mas eu é que o não quero divulgar, era magro e esquelético como o maestro Augusto Machado, ha pouco mandou-me dizer que estava gordo como o Chaby, ainda bem!

Pois este meu amigo tinha a mania de rotubar Dalias nos jardins; uma rosa, um jasmim, nada eram para ele, somente as Dalias, e punha-as ao peito chegando a entrar nas aulas com elas na botoeira.

Um ano, veio passar quinze dias comigo aqui ás Caldas, ele que nunca saia de Lisboa foi para ele um regabofe que jamais lhe esqueceu. Pois não dava uma volta pelas ruas do parque que não roubasse uma Dalia!

Como um dia lhe perguntasse qual a razão de aquélla paixão pelas Dalias, elle contou-me então a genesis daquella mania. Vae palavra por palavra: «Apenas tive na vida um namoro, não calculas que encanto de rapariga! Olhos vivos, lala encantadora, intelligente, alma de artista, pois cantava muito bem, emfim uma verdadeira beldade, um anjo, sem ser papudol! Tinha a minha idade, das brincadeiras passouse para um amor, que foi uma loucura. A familia recebia-me em casa, e nós muito juntinhos passavamos horas e horas a conversar minutos. Depois de sair ia-lhe falar á janela, até de madrugada, não calculas que adoravel rapariga. Porém um belo dia, vi que ella não comprehendia o meu amor e disse-me que era melhor acabar com tudo! não calculas a dor intensa que eu sofri; de noite não dormia, deixei de tratar de mim, o cabelo cresceu-me como um missionario, não mudava de roupa branca, nem de fato, todos fugiam de mim como se eu fosse um doidol e ella a rir-se e talvez a namorar outros... A sua flôr predilecta eram as Dalias, e muitas colhi para ella. Ficou-me essa mania, pois vejo na Dalia a imagem do meu primeiro amor! Quando agarro essa flôr tenho a illusão, que a vou depôr no seu peito. Tudo isto são confidencias que o mundo não comprehende, mas conto para tu poderes avaliar quão forte foi o meu amor por essa rapariga. Quando a vejo, fujo d'ella, mas vingome em colher mais uma Dalia.»

Quando o meu amigo terminou a confidencia, estava pallido como um doente neurastenico, tive tanta pena que não achei uma palavra para o consolar.

Hoje está em Africa, mas penso que a rapariga não foi esquecida. Ella, frivola passa a vida a cantar, sem talvez pensar um só minuto que ha *alguem* que a ame de longe. Eu já disse que quero ser padrinho do casorio e encher-lhe a casa de Dalias.

MIGUEL DA PONTE

Expediente

Aos nossos presadissimos assinantes que ainda estejam em débito pedimos a finésa de enviar a importancia da sua assinatura, em estampilhas, podendo tambem mandar satisfazer a esta administração todos os dias das 11 ás 12 ou das 18 ás 19 horas.

Restauração?... Independência?...

...Portuguéses é chegado...
Pois sim, rala-te!
Foi, foi...
Hoje variou e é assim: Portuguêses é pasado...

Francamente falar de restauração num país onde tudo precisa restaurado, ou de independência a um povo que a respeito de independente...

Ora adeus, temos conversado.
.....
Que era o aniversario da restauração de Portugal, caiu o Ramalho na patetice de o lembrar á mulher.

E não lhes dizemos mais nada.
A palavra deu no goto á D. Ramalho e aí a teem a querer tudo restaurado em casa. Começou pelo chapéu e pelo vestido até acabar na mobilia, de maneira que o pobre Ramalho viu-se doido, e jurou que, dali por diante, nunca mais lembraria a gloriosa data á cara esposa, e que até, quando ella chegasse, calafetaria portas e janelas para que nem as notas do patriotico hino lá entrassem em casa.

.....
Nesse mesmo dia houve grossa questão em casa dos Souses.

A D. Hermenegilda logo pela manhã se zangou com o marido e, segundo o costume, atirou-lhe com um prato á cara.

—Filha não me faças isso, olha que hoje é o aniversario da independência do país e eu...

—E tu o quê, meu banazola?
—E eu mostro-te de quem descendo. Mostro-te a minha independência.

—Mostras-me o quê? Ora deixa-me rir. Como se tu tivesses disso.

—Mulher, mulher...
Qual mulher nem meu marido e...
ba! outro prato na cara.

E o caso é que o Sousa teve que recolher a independência ao buxo, porque se quizesse continuar a mostra-la, ficava com a baixela toda em cacos, e mesmo porque, verdade, verdadinha, havia de ter sua dificuldade.

A mulher tinha razão: a independência d'elle já andava muito por baixo.

E o que se deu com o Sousa e com o Ramalho, dá-se com todos os Souses e Ramalhos cá da terra.

—Restauração... custa os olhos da cara.
—Independentes... nem os quartos porque a maior parte não tem porta para a escada.

Abo.

(Do jornal *A Chalaça*)

Pouca sorte...

(A NOVE)

Eu fui hontem visitar,
A minha amante catita,
Com minha cara bonita,
Com olhos de namorar.

Esperava-me a cantar,
Beijei-a dizendo: ai! Rita!
Ficou toda tremelita,
Começamos a dançar.

Mas ha tempo, o pae, o Castro,
Avisou-a em gesto incerto:
«Nem lhe quero ver o rastrô.»

...Deu com o mólho em aperto,
Deu-me cabo do cenastro,
E deixou-a sem concerto.

Flôr de Campo.

A AVESINHA

Quanta neve!... olhando ao longe... deslisava a vista sobre um sudario branco... branco, que o céu havia estendido sobre a terra... a tenue luz do sol nascente refletia-se sobre a neve, dando com os seus tons á pupila... frio, espanto desolação!... lá em cima, um céu de azul celeste, perdia-se nos longinuos limites do horizonte.

Duas figuras se destacavam sobre a neve; um homem, joven, alto, moreno, de crescida barba cor de azeviche e encaracolados cabelos, que levava ao ombro uma espingarda e vestia os atavios proprios do caçador, acompanhado por uma mulher que a julgar pelas feições, era uma joven formosa, sua irmã; como elle, morena, seus grandes olhos negros brilhantes como as estrelas, lançavam olhadelas em todas as direções que iluminavam como o clarão do relampago.

A uns cincoenta passos, os dois divisaram um grupo de pequeninas e transidas avesinhas, revoando em torno de um matagal de estêras que, á falta de outra coisa, podia servir-lhes de alojamento. Pobresinhas!... Fazia tanto frio!

O caçador pôz a espingarda á cara e apontou...

—Não atires!... lhe disse com veemencia a sua companheira.

Já era tarde; soou um tiro que repercutia nos astros; as avesinhas fugiram assustadas!... Porém, uma d'ellas foi ficando atraz... atraz... sendo o seu vóo cada vez mais débil!...

Caiu, deixando sobre a neve uma mancha de sangue.

A bôla desconhecida inclinou-se para ella.
—Que pena! disse, olhando-a com tristeza, e levando as mãos ao peito descobriu seu elevado seio, escondendo nêle a ferida **avesininha!**

S. Heitor
actor

Na Rua do Jardim

—Ora viva! Como vai essa bisarria?
—Vai-se andando!
—Então foi assistir á sessão da camara.
—Agóra não se diz assim. Agora diz-se: Sessão do Senado Municipal.

—E' verdade; não me lembrava! E depois! Alguma coisa de novo?

—Não! O mais importante foi desdizerem o que tinham dito na sessão anterior.

—Sério? E o que foi?

—Eu lhe digo. Na ultima sessão, por proposta de um dignissimo vereador, foi aprovado o aumento de ordenados aos empregados.

—Bem sei. Estavam até todos de acordo. —Isso mesmo. Pois na sessão de hoje, fizeram o contrario.

—O quê?

—Desaprovaram o que tinham aprovado!

—Ora essa! E que razões alegaram para o fazer?

—Não sei! Mas diz-se á boca pequena que foi por indicação dum politico influente.

—Ah!

—Reuniu os dignos vereadores, disse-lhes que tinham feito asneira, e eles —zaz—desaprovaram.

—Essa agora é melhor. Então eles são como os fantoches articulados? Trabalham punxados por cordelinhos?

—Que grandes pandegos!

«O DEFENSOR»

Passa no proximo dia 1 de Dezembro o seu 1.º aniversario, este nosso presado colega local a quem enviamos as nossas felicitações, desejando-lhe prosperidades e longa vida.

Ao cidadão José Patrocinio de Oliveira

A-dos-Francos

O doutor Apolinario
Escreveu uma receita;
Mas em letra tão mal feita,
Que a não leu o boticario

Temendo este dar a morte
Ao desgraçado doente,
Pensando prudentemente,
Aviou-a desta sorte;

Uma pouca d'agua fria
Engarrafa sem demora,
E põe-lhe um rot'lo por fóra...
Que tambem não se entendia

Estava em um desespero
O doente: — Chega o remedio,
Engole-o sem nenhum tédio
E fica são como um peró!

São logo no outro dia,
O seu medico procura;
E recompensa-lhe a cura
Que ao boticario devia.

Amadora, 22-11-914.

L. Ramos.

Errata: — No soneto do número passado
no ultimo verso, onde se lê:
as ilusões fugiram,
deve ler-se:
as ilusões fugiram.

L. R.

De conserva...

Fez no dia 26 do corrente, um mês que faleceu repentinamente no Hotel Lisbonense o sr. João Luiz Salgado, natural do Terroso, concelho da Povoia do Varzim.

Pois o seu cadaver ainda se acha depositado na igreja de S. Sebastião, desta vila.
E sabem porquê?

—Porque do seu testamento consta que por falecimento de suas parentas (irmã e sobrinha) a quem deixa toda a sua fortuna, esta passará para a paróquia em que ele falecesse.

E vai daí a junta de paróquia das Caldas como não quer perder o legado, tem o cadaver de conserva á espera que faleçam as parentas do finado, para depois poder provar que foi cá que ele morreu.
Coisas nossas!...

Grande pandega!

Os talhos na quinta-feira não tinham á venda carne de vaca. Os proprietarios dos talhos como tivessem recebido intimação do sr. administrador do concelho para não venderem a carne por preço superior a \$30 e eles a quizessem vender a \$32 entenderem por bem não a vender por preço nenhum.
Isto é deles.

Se a Camara Municipal abra-se um talho por sua conta, acabava-se com todos estes caprichos. Mas, infelizmente nesta terra não se faz senão politica! Os interesses dos contribuintes são letra morta!

Publicações

Catalogo: — Da acreditada Livraria Avelar Machado, da Rua do Poço dos Negros, 19 e 21 — Lisboa, recebemos um elegante catalogo, contendo muitas e interessantes obras, a preços reduzidos; o qual está agora em distribuição, e é enviado gratuitamente a quem o requisitar.

Explicação de proverbios

I

Um tal chamado Costa, por alcunha o *Pau* e embarcadiço de profissão, tinha duas filhas. Quando o pai andava em viagem, as meninas podiam sair, namorar, etc. Quando estava em Lisboa nem á janela conseguiam chegar.

Enquanto o Pau vai e vem, folgam as Costas.

II

Um amador fauromaquico arranhou umas calças emprestadas para ir tourear a Algés. Veio o boi e deixou-o em ceroulas.

Quem o alheio veste na praça o despe.

III

Um droguista era amado por uma cosinheira que tinha muita panela de cobre que limpar. Querendo obsequiar a sua bem-amada, ofereceu-lhe uma dúzia de caixas de pomada amor.

Amor com «Amor» se paga.

André Brun.

PARA RIR

Num exercicio de recrutas:
—Soldados, dizia o sargento; quando levarem a arma á cara, devem ficar tão firmes que, um poste telegrafico, em comparação, deve parecer um paizano bebedo!

Num juri, o escrivão fazendo a chamada:
—Antonio Teixeira Leite da Cancela Velha. Este, (*protestando*):
—Perdão: eu não tenho Leite...
O juiz:
—Sr. escrivão, tire o Leite ao sr. jurado...

—Tens dúvida em me emprestar dez tostões? — perguntava um boémio a outro.
—Nenhuma.
—Então, dá cá.
—Não tenho dúvida... Mas tambem não tenho os dez tostões.

Boa piada

Em uma reunião de assembleia geral da Associação Commercial do Porto, um dos sócios, que tinha a mania de fazer discursos, estava falando sobre o desenvolvimento do commercio, da agricultura e da industria, e, entre varias coisas desconchavadas, disse que um dos ramos de commercio mais adiantados era a *cultura do bacalhau*. Souza Lobo, pede logo a palavra e, sendo-lhe concedida, disse: Sr. presidente, pedi a palavra para pedir ao illustre orador que não se esqueça da *pesca da batata*. Gargalhada geral!

Manual de Ginastica de Quarto

Para uso dos dois sexos, sem auxilio de aparelhos nem de mestre, acompanhado com applicações e diferentes afeções. Compilação de preceitos e regras dos mais abalizados medicos higienistas. O livro mais util numa casa. Ilustrado com 45 gravuras.

Preço 20 centavos

Pedidos á Biblioteca do Povo — Henrique Bregante Torres — Editor.

Rua de S. Bento, 279 — LISBOA

Frigideira de miolos

SECÇÃO CHARADISTICA

Decifrações do n.º 7,

1—Letra D. 2—Sola. 3—Selamim. 4—Justino. 5—Valado. 6—Adamada. 7—Amora, aroma. 8—Caça, caleça. 9—Cete, celeste. 10—Caldas da Rainha. 11—Rua Almirante Candido dos Reis. 12—O bom julgador por si se julga.

L.º decifrador

Oinotna
(Onze)

CHARADAS

EM FRASE

1 O numero de categoria laz zaragata—1—2.
Arjumar

2 Assassina este animal com um pedregulho —2—1.
Arjumar

Electricas

3 Este remedio tem porcaria—2.
Pitogga

4 A's direitas ou ás avéssas é uma ave—3.
Pitogga

5 A's direitas e ás avéssas não se pergunta ás senhoras—3.
Arjumar

Adicionadas

6 Sport—2
—ro—
Conduz—3
Olhos pretos

7 Policia—2
—ri—
Salpico—3
Olhos pretos

Truncadas

8 Vigia no mar—2
9 Temos no altar—2
10 O estabelecimento repugna—2
Riohet

Enigmas

11 Por iniciats
O M N E P A B D A
I I I I 2 I 2 I 2

Maçadas geograficas

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

A MARIA DICE, SALDA

Pitogga

13 Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

BERRA ALI FORA

Arjumar

Logogrifo

(por letras)
14 O' coração dolente—5, 22, 24, 17, 20
Envolto de tristeza!—16, 6, 9, 20, 12
Existe, unicamente,—8, 1, 3, 27
Em toda a singêsa
Desta nossa alegria,—9, 24, 25, 3, 2
A cura do teu mal.—5, 2, 7, 18, 25, 3, 11, 27
Deseja, a melodia—13, 14, 4, 23, 4
Que exponho, por conceito,—6, 10, 10, 11, 28,
26, 24
Verás como é real—21, 15, 19, 2
Flor de Campo

Bilhetes de visita
 Em cartão pergaminho, pasta, linho de 1.^a qualidade, marfim e bristol.—**ULTIMA NOVIDADE em tipos de fantasia e de fino gosto, exclusivamente para este genero de trabalho**

Tipografia Caldense

DE

José da Silva Dias

Rua José Malhóa, 5 a 11

==== CALDAS DA RAINHA ====

(CASA FUNDADA EM 1906)

Trabalhos tipograficos em todos os generos tais como: Revistas literarias e scientificas, placards prospectos, memoranduns, facturas, participações de casamento, obras de livros, mapas, etc.

Trabalhos de luxo e de côres

SEMPRE EM DEPOSITO: Folhas agricolas, notas de expedição, guias de remessa, recibos de inscrições e coupons, para professores (renda de casa e expediente). Grande stock de impressos judiciais

Completo sortido em artigos de escritorio

Encarrega-se de todos os trabalhos de zincografia, galvanoplastia, fotogravura e carimbos de borracha

Modicidade nos preços

Perfeição e rapidez

Bilhetes postais ilustrados

Com lindas colecções de fantasia e lindas vistas de Caldas, Obidos e Peniche

Esta casa recebeu ha pouco um completo sortido de tipos de fantasia e vinhetas modernas, podendo assim competir com outras casas suas congeneres

Oficina de Encadernação anexa á Tipografia